

JK não queria construir a UnB

“A história da Universidade de Brasília — criada por lei em dezembro de 1961, mas formalmente instalada em 21 de abril de 1962 — sugere-me a imagem daquele poema em que Manuel Bandeira fala de uma estatuazinha de gesso que tinha, quando nova, uma cor muito branca e “as linhas muito puras”. Um dia, porém, conta o poeta que “mão estúpida inadvertidamente a derrubou e partiu”. Então ele ajoelhou-se com raiva, recolheu aqueles tristes fragmentos e recompôs a figurinha que chorava: um gessozinho que, apesar de comercial, era tocante e vivo, fazendo o poeta refletir, concluindo o poema que “só é verdadeiramente vivo o que já sofreu”.

Menos por um acaso do que por uma fatalidade lógica, a única universidade brasileira digna deste nome foi justamente a que mais sofreu. Sofreu a resistência dos conservadores satisfeitos com suas cátedras vitalícias. Sofreu a incompreensão natural contra tudo o que é inovador. Sofreu a injustiça dos que, de fora, consideravam-na subversiva e a traição dos que, de dentro, procuravam utilizá-la para fins políticos. Graças, entretanto, ao seu Plano Orientador — inspirado pelo mais puro idealismo e concebido em termos didáticos e jurídicos inatacáveis — ela sobreviveu a todas as crises por que passou.

Exaltada por uns e denegrida por outros, a Universidade de Brasília parece ter nascido sob o signo da contradição.

Assim começa o livro de Edson Nery da Fonseca — *Martírio e Restauração de uma Universidade*, Editora do Autor, 1972 — que ele escreveu como um depoimento pessoal, resultado de sua experiência, na época (de uma década) como professor daquele estabelecimento, em homenagem ao transcurso de seus dez anos de funcionamento.

Entre os diversos setores em que Lúcio Costa dividiu o Plano Piloto de Brasília, figura o da Educação “tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos, etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária com o respectivo Hospital de Clínicas, e onde também se prevê a instalação do observatório”. Estas são palavras do próprio Lúcio Costa contidas no item 9 de seu Relatório do Plano Piloto.

Na verdade, quem pela primeira vez falou da necessidade de uma universidade no interior do Brasil foi José Bonifácio, que foi também o precursor da idéia da interiorização da Capital Federal e do

nome Brasília para esta mesma Capital.

Mas apesar de Lúcio Costa ter previsto para Brasília uma cidade onde a educação teria papel fundamental, pois para ele, Brasília deveria não apenas ser uma centro político-administrativo, mas também um pólo cultural, onde as pessoas poderiam dedicar parte de seu tempo com atividades culturais e devaneios, o próprio Juscelino Kubstchek não queria a instalação de uma universidade no Planalto Central, pois não queria receber, como recebia no Rio de Janeiro, pressões estudantis.

Mas o escritor Ciro dos Anjos, na época, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, foi quem conseguiu convencer Juscelino da importância da criação de uma universidade na nova Capital Federal, argumentando que se o Governo não tomasse nenhuma providência neste sentido, particulares tomariam e iriam terminar pedindo verbas ao Ministério da Educação e Cultura que, na falta de um outro estabelecimento de ensino governamental similar, seria forçado a corresponder ao pedido.

Sendo assim, o texto da mensagem e do anteprojeto de Lei que criaria a Fundação Universidade de Brasília foi enviado ao Congresso Nacional, pelo Poder Executivo, em 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília como Capital da República. Concluída a tramitação legislativa, foi o projeto transformado na Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, entidade autônoma cujo único objetivo é criar e manter a UnB.

O texto da mensagem e do anteprojeto foi redigido por um grupo de educadores brasileiros, inconformados com a péssima situação do ensino superior em nosso país, tendo à frente Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Maurício Rocha e Silva, Pompeu de Sousa e outros. O plano original, de autoria do professor Darcy Ribeiro, foi discutido por uma comissão criada pelo Ministério da Educação e Cultura, e submetido à apreciação de especialistas em todos os ramos do conhecimento humano reunidos pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e divulgado para discussão em revistas especializadas e até na imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Pouco depois de implantada, a Universidade de Brasília tornou-se um caso nacional. O seu Plano Orientador foi inspirado pelo mais puro idealismo e concebido em termos jurídicos e didáticos inatacáveis.

A grande indagação que surge hoje é a seguinte: permanece a UnB fiel aos objetivos de sua criação e às estruturas previstas em seu Plano Orientador?

Segundo o professor Edson Nery da Fonseca, 14 anos de UnB e atualmente diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (que abrange os departamentos Administração, Biblioteca, Comunicação e Direito) para alguns, a Universidade de Brasília morreu; para outros, ela teve o seu plano desfigurado. Na verdade, apesar de todas as crises por que ela passou, que não foi pouca coisa, a UnB continua cumprindo os objetivos para os quais foi criada, permanecendo com suas estruturas intactas. Juridicamente continua como Fundação. Administrativamente continua centralizada, evitando a duplicação de meios para fins idênticos. Didaticamente continua com o sistema de créditos, a flexibilidade curricular inerente ao mesmo sistema, a unidade letiva semestral, o vestibular unificado, os cursos básicos, profissionais e de pós-graduação previstos no Plano Orientador.

Quanto ao espaço físico, houve apenas alterações impostas — como no próprio caso da cidade — pelo crescimento da população estudantil, inesperado nas proporções em que se efetivou com a rápida consolidação de Brasília.

Para o professor Edson Nery da Fonseca, “o plano da UnB não foi modificado, muito pelo contrário, ele foi institucionalizado”.

Quanto às demais escolas de ensino superior existentes no Distrito Federal, o professor Nery as considera como “indústrias do ensino”, cujo objetivo primeiro é ganhar dinheiro. Segundo ele, o surgimento dessas escolas se deve à grande demanda de estudantes existentes em Brasília que não conseguiram ou não podiam estudar na UnB. Sobre razão pela qual a UnB se recusa terminantemente em abrir um horário noturno. “Isto sim, disse ele, é que iria contra o Plano Orientador da Universidade de Brasília, pois uma pessoa que passa o dia inteiro trabalhando não tem condições de ter um aproveitamento pelo menos razoável num curso à noite”.

Afirmando ter sido a Universidade de Brasília criada com o objetivo de ser o modelo de universidade no Brasil, e sendo ela mesma baseada no modelo universitário norte-americano, o professor Edson Nery da Fonseca diz que uma universidade só pode ser uma universidade de fato se tiver partido do zero, caso contrário se transformará no que é a USP, um conglomerado de faculdades desunidas, onde cada uma luta por seus próprios interesses sem se incomodar com a outra.